

CERIMÔNIA
DE RETOMAR
A VIDA



eduardo dos santos schmidt
trabalho de conclusão de curso
teatro ufrgs 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Schmidt, Eduardo dos Santos
Cerimônia de Retomar a Vida / Eduardo dos Santos
Schmidt. -- 2018.
99 f.
Orientador: Mesac Roberto Silveira Júnior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Direção Teatral, Porto
Alegre, BR-RS, 2018.

1. Teatro. 2. Arquitetura. 3. Etnopoesia. 4.
Antropoceno. 5. Espaço-Tempo. I. Silveira Júnior,
Mesac Roberto, orient. II. Título.

RESUMO

O trabalho *Cerimônia de Retomar a Vida* é um exercício de delírio da imaginação. Através dum processo arqueológico de escavação de escritos, desenhos, fotos e referências, traço linhas entre o processo de direção e atuação no teatro com a memória viva em meu corpo. Caminho por elementos de criação e de comunicação que brotam de um lugar: a casa de minha vó, uma casa branca sem grade nem porteira na beira de uma estrada que liga um país chamado Brasil. Pretendendo abrir espaço para a imaginação de quem vir a ler também delirar, escrevo tentando coreografar o passado e mimeografar o futuro para encontrarmos juntos o momento do agora.

PALAVRAS CHAVE: Teatro; Arquitetura; Etnopoesia; Antropoceno; Espaço-Tempo.

ABSTRACT

Cerimônia de Retomar a Vida is an exercise of imagination delirium. Through an archeology excavation process of writings, drawings, pictures and references, I draw lines between directing and acting in theater with the living memory of my body. I walk between elements of criation and communication that sprout of a place: my grandmother's house, a white house without railing or gate on the side of a road that connects a country named Brasil. With the purpose to open space to rave the reader's imagination too, I write trying to coreograph the past and mimeograph the future willing to found the present together.

KEYWORDS: Teather; Architecture; Ethnopoetry; Anthropocene; Spacetime.

picada

s.f.

mordedura de cobra ou de inseto /
mergulho de avião em ângulo a pique
/ **atalho ou caminho estreito aberto a
facão através do mato** / as três bada-
ladas dos sinos dos campanários das
igrejas, fortemente vibrados a curtos
espaços, que dão inícios aos repiques
festivos

à minha mãe,
que enterrou meu umbigo
no umbigo do mundo

e à você,
com a esperança
de que escreva
comigo

imagine que você está caminhando por uma estrada. uma estrada bastante movimentada. digamos, uma estrada que é capaz de ligar um país inteiro. de um lado da estrada, sente-se uma lagoa. bois vacas passáros e vagalumes na brisa e na húmidade. patos. de um outro lado, montanhas e vales e mais pássaros insetos plantações. vemos também placas painéis casas e algumas máquinas. *o tempo andou mexendo com a gente, sim.*

vemos vestígios do que um dia foi uma estrada de chão. carros de boi moedas de ouro sacos de arroz. um senhor carrega bananas nas costas. uma senhora carrega uma gamela com água.

voltamos à estrada que é capaz de ligar um país inteiro. imagine que você está caminhando por uma estrada. uma estrada bastante movimentada. carros de gentes carros de pobres carros de ricos motos caminhões muitos caminhões competindo com a orquestra dos sapos. e você vê: uma casa. é algo tão mas tão luminoso que poderia ser um inverso do sol refletido. imagine um abrigo. imagine um cristal. imagine uma nossa senhora aparecida vestida com um manto azul e um vestido de látex branco com uma fenda no meio das pernas.

A ÁRVORE

A CASA

A ESTRADA

A LAGOA

A PARABÓLICA



A ÁRVORE

SONHO I

caminho com uma senhora baixinha branca e risonha, entramos numa espécie de galeria, aquelas que tem uma loja do lado da outra e um corredor no meio com alguns bancos. chegamos num lugar que parece a vila do chaves, com pequenos apartamentos casas. vamos visitar meu tio, outro baixinho risonho sério meio branco meio índio, ele dorme em uma cama de solteiro separado da minha tia. o quarto é num nível mais baixo, descemos umas escadas prá visitá-los, chegamos no centro do quarto e as paredes subitamente se transformam em paredes de vidro. o teto também vira translúcido: é noite. de um lado, vemos uma estrada rápida com carros. de outro, vemos muita água, uma lagoa, talvez um mar. nos abraçamos, eu e minha vó, e o sol começa a nascer de um lado no mesmo momento em que a lua começa a nascer do outro, cheia. no meio do céu o sol passa por trás da lua como num eclipse solar, descrevendo um arco. cada um deles se põe e nasce novamente, cada vez num movimento mais rápido mais rápido e máis rápido como que dia e noite se entreabrindo num crescendo infinito.

SONHO II

estou na sala da casa de minha vó. vejo a lagoa de um lado e a estrada do outro. vejo uma onça grande, com movimentos bonitos vindo em direção à casa. sinto medo. minha mãe abraça a onça. vejo entre a porta entreaberta do quarto uma perna ensangüentada na cama. era uma pegadinha inventada pelo meu tio. entro no quarto, minha vó na frente da janela, com a lagoa ao fundo. no marco da janela e do quarto, que é de madeira, está uma imagem de nossa senhora aparecida. minha vó veste um manto azul e um vestido branco de látex que tem uma fenda na parte da frente, entre as pernas, que é por onde saíam as filhas. tenho uma câmara. tiro fotos.

SONHO III

meu avô, meio índio branco negro, vestido com um terno de linho bem apumado. toda a cena tem tons de sépia. meu avô, íntegro e sorridente, cruza uma praça. vai sentar num banco enquanto o sol nasce. o sol está branco e o céu está negro. o sol já nasce eclipsado, com uma borda comida. percebo então que é sonho. o sol sobe rápido, e a lua vira um ponto no meio do sol. mesmo com sol, ainda é noite.



lembro
de me sentir blo-
queado, dolorido,
lembro que eu queria
um café, provavel-
mente eu precisei
tomar um café logo
que saí da barriga,
lembro que o médico
olhava prá mim e prá
minha mãe com um
sorriso desdenho-
so, lembro do seu
bigode cretino com
cheiro de cigarro e os
dentes escurecidos
pelo café, lembro que
ele olhou prá ela e
disse:

toma,
é uma
semente

A CASA



é como se a casa fosse tomada por dentro por um inflável gosmento e enorme curvilíneo que fosse inflando inflando inflando e preenchendo cada cantinho pressionando as escápulas prá fora pedindo creça e fosse se acomodando e matando as aranhas dos cantinhos, *aquelas que ficam no teto entre a junção das paredes, sabe?*, atingindo a pressão perfeita para ocupar todos os vazios que se tornam **vazios** de tão **cheios** mesmo sem quebrar os vidros das janelas abrisse gentil e violentamente a porta de entrada, os olhos, e vazasse sangrasse transbordasse toda dor de

crescer



eu queria encontrar o cálculo
por trás das geometrias dos
cardumes, das vontades dos
humanos ao sentar nos ban-
cos dos ônibus, dos desenhos
de mãos pernas e braços le-
vantados em manifestações
violentas, da espiral humana
caminhando em volta da terra

eu queria encontrar deus

logo após ESPONJA e antes de FLORES
em *como viver junto*, roland barthes:

- Lao-Tsé (p. 127): “Agir sem agir; ocupar-se sem se ocupar; experimentar sem experimentar; ver com o mesmo olhar o grande, o pequeno, o muito, o pouco; dar a mesma importância às reprimendas e aos agradecimentos; eis como faz o Sábio.” (Quanto a nós, não digamos nem o Santo, nem o Sábio, palavras demasiadamente conotadas – mas simplesmente o sujeito Tao.)

(...)

1. O *Wu-wei* tem incidências políticas perfeitamente escandalosas. Para nós, é na ordem política que o *Wu-wei* é totalmente inconcebível: toda a nossa civilização está no Querer-Agir; (...)
2. O *Wu-wei* tem relações de aparência com o ideal monástico cristão, sobretudo em suas inflexões quietistas ou de mística negativa. Mas **um fio de cabelo os separa, e que fio**: Deus, a Revelação, a História Sagrada (*idem* para o muçulmano). O mesmo quanto ao budismo Zen: o sujeito Zen, qualquer que seja seu *Wu-wei*, está ausente do mundo, ele considera o mundo como nada, ele está alhures, mesmo se este alhures é nada. O sujeito Tao está sempre aqui. Prova = anedotas, parábolas, exemplos: humor agudo, grande sentido da “vida”, da “realidade”. O mundo é certamente julgado como uma ilusão, mas conserva os contornos nítidos, bem traçados, de uma visão: eu diria que [o sábio taoísta] assume o Imaginário (...)

eu lembro que mamãe não fazia sentido, um dia ela apareceu com uma porca no lugar do nariz, outro dia ela me deu uma bala escrita chiclé de banana, e ela nem me explicou que cazzo era chiclé,

uma vez mamãe plantou bananas
uma vez mamãe plantou bananeiras
uma vez mamãe plantou um chiclé

e disse: **esse é o quatrocentésimo trigésimo oitavo ano da deglutição do bispo sardinha**

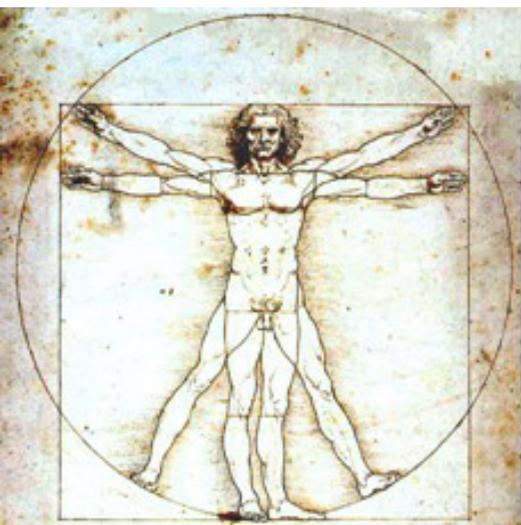
uma vez eu não sabia o que era sardinha, nem deglutição, mas bispo eu sabia, ou via pelo menos, ouvia, e dizia *amém bispo*, sardinha não tem hoje, mas pão tem, e vinho, que era sangue e eu nem sabia o que era sangue, mas eu ou via ou sentia, e aí não tem quem segure

a primeira vez que a gente ouve sangue
a gente sabe

é osso

e com osso não tem prá ninguém

é osso, meu filho, é osso



Todas as incorporações anteriores da centralidade humana neste diagrama têm sido da heróica figura masculina, um ser agressivo e atlético que se encaixa, mas basicamente domina as formas essenciais do mundo. Mas aí está Vanna Venturi, sentada na sua cadeira da cozinha, com um vaso de gerânios ao seu lado. Ela é pequena, mas o espaço explode a sua volta. Bem acima de sua cabeça, a empena se rasga para libertar sua energia do círculo e do quadrado para o firmamento (...) Contrastando com a tradicional figura masculina, Vanna Venturi é ao mesmo tempo anti-heróica e feminista em significado (...) Ela é mais forte que ele (...)

SCULLY, Vincent "Everybody Needs Everything" In: SCHAWARTS, Frederick (Ed) Mother's House. Nova Iorque: Rizzoli.

silvio colin, no artigo *a casa vanna venturi*:

A casa Vanna Venturi, o primogênito do movimento Pós-Moderno, veio a ser uma menina – não um filho robusto destinado a ir adiante no mundo a proclamar corajosamente uma visão arquitetônica nova, mas uma bonita e mercurial filha que, cingida em timidez e ironia, clamava pela mudança por meio da arte sutil de persuasão. FRIEDMAN, Alice T. “It’ a Wise Child: The Vanna Venturi House”. *Women and the Making of the Modern House. A social and architectural History*. Nova Iorque. Harry N. Abrams, Inc Publishers, 1998. P. 188.

Já foi dito que a casa da minha mãe parece o desenho de uma criança – representando os elementos fundamentais de abrigo: telhado inclinado, chaminé, porta e janelas. Eu gosto de pensar que é assim, que lhe atribuiu uma nova essência, aquela do gênero que a faz casa e a faz elemental. VENTURI, Robert. “Diversity, relevance and representation in historicism”. In: VENTURI, Robert , SCOTT-BROWN, Denise. *A view from the Campidoglio: selected essays 1953-1984*. Nova Iorque: Harper & Row, 1984. P. 118.

A ESTRADA



a imagem:
tá lá o corpo estendido no chão

a imagem:
imagino meu avô
manoel apolinário dos santos
a imagem:
imagino meu avô
vô teco

carregando pencas de bananas
a imagem:
tá lá o corpo das bananas estendidas no chão

imagino a imagem:
meu avô
atropelado pela velocidade do mundo
meu avô
atropelado por sua própria velocidade
meu avô meu tataravô meu tio-avô
e as bananas

todos
atropelados pelo tempo
sem tempo
da conexão infinita

meu avô
deixado-se ou não

chorou quando
dizem
saí do armário
e continuou chorando

vínculo

s.m. do lat *vinculum*

laço, liame, atilho / laço moral, relação

relação

s.f. do lat *relatio relationis*

ação de relatar detalhada ou sistematicamente experiências fatos características de um lugar etc / relato relatório notícia informação / estado de duas ou mais coisas que mantem entre si uma conexão / elo de ligação; vínculo de dependência, de interação, de analogia, etc. / rol, lista

ex: *manter ou ter relação (ou relações)*

com: genericamente conhecer ou ter algum tipo de relacionamento com alguém; particularmente, copular.

autonomia

s.f. do gr *autonomia*

faculdade de se governar por suas próprias leis, dirigir-se por vontade própria / distância máxima que um veículo pode percorrer ou intervalo de tempo máximo durante o qual um veículo pode funcionar sem novo reabastecimento.

catástrofe

s.f. do gr *katastrophe* pelo lat tard. *catastrophē*

grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade

minha vó, maria silva dos santos, numa conversa que eu transcrevi:

Engraçado, o sonho parece que é real, né. Eu falando com ele, mas ele assim tão bonito rindo aquele sorriso prá mim tudo, eu não sei o que eu falei. Ele deu aquele sorriso, mas na primeira verdade: eu me acordei, pronto.

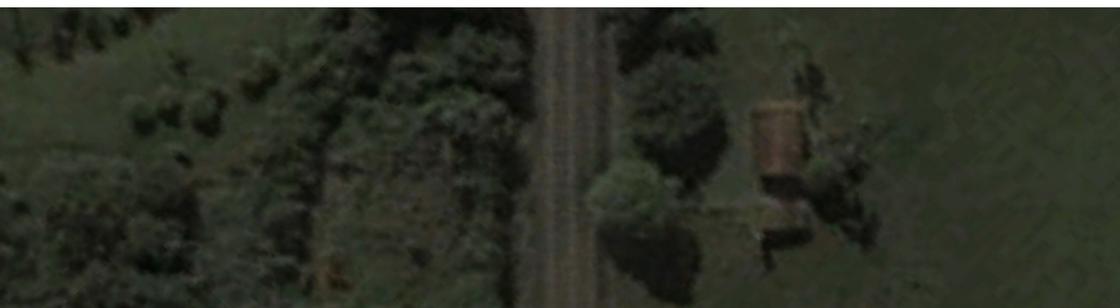
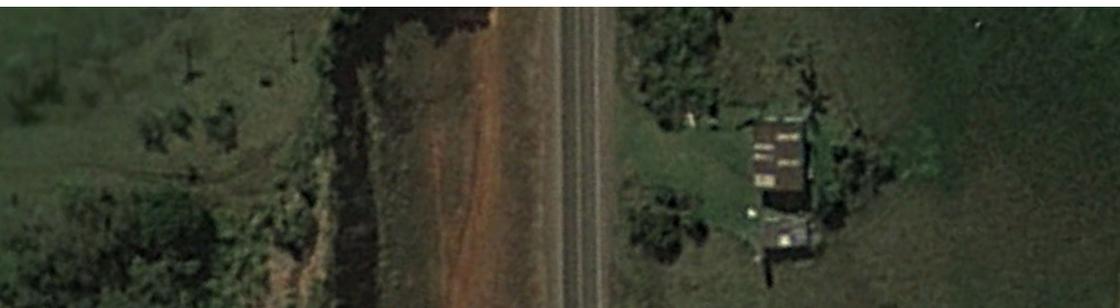
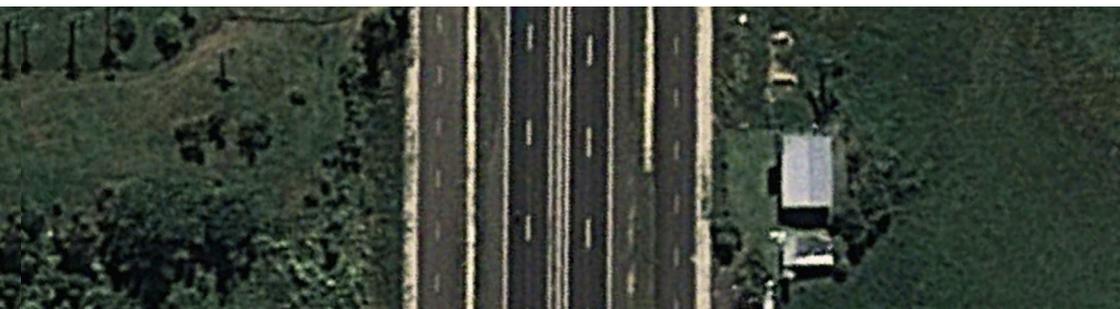
Aquilo é tão bom né, ele tava tão bonito, ai, acho que é a saudade, né, mas eu disse prá Ana Maria: ele tava assim magrinho tudo, mas no velório ele tava tão bonito, me recordá assim: passa tudaquilo (...)

em *a terra sonâmbula*, na página 9, mia couto:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mes-tiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

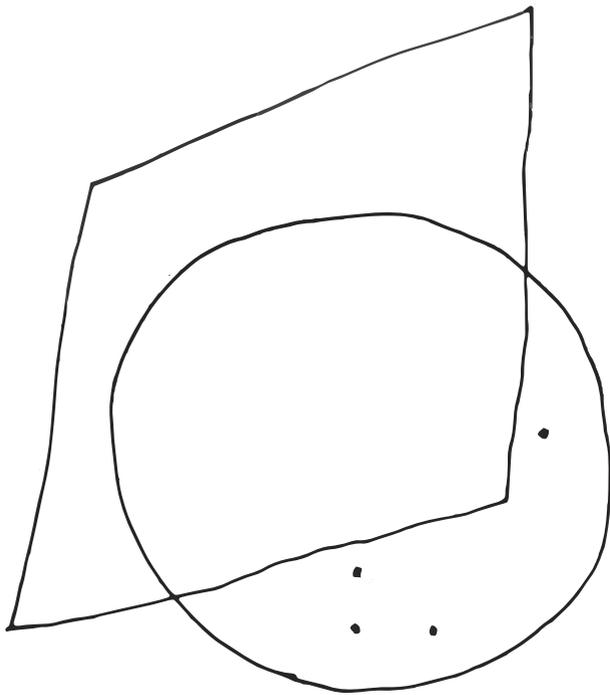
A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho.



no início, era só peixe e brincadeira. tinha luta também.
aí eles vieram. dez mataram todos.
aí só sobrou eles.

e eles viraram a gente.



pinte
com as
cores
do seu
time

eu ainda lembro daquele dia faz quinze anos em que eu cantava com a minha mãe lula lá acreditando naquele mar vermelho que as coisas finalmente iriam mudar brilha uma estrela eu lembro perfeitamente da mão dela me segurando e meu sorriso de classe média suburbana cantando lula lá e depois e depois todo o desengano a vontade de encontrar o presidente na rua e suplicar pela reforma agrária e depois e depois nós mergulhados de novo naquele mar vermelho mais por medo que por orgulho e depois e depois a alegria de encontrar o César o Chico cantando nossa mãe solteira sim nossa e depois e depois caminhar e cantar com ele acreditando que alguma coisa poderia voltar a ter esperança como se aquilo ali não fosse só o último suspiro de uma madeira que foi toda comida por dentro e depois e depois a alegria de ver o olívio na plateia e ver de novo o olívio ali de braços dados ou não com o Chico o César e a presidenta que endossou a morte de milhares e milhares de indígenas e não por isso foi covardemente tirada de lá e depois e depois a certeza de que as cartas continuam marcadas marcadinhas e que nossa presença ali braços dados ou não não fosse só reviver aquela esperança de classe média suburbana de que as coisas poderiam voltar a mudar e depois e depois saber que ali estava o lado certo da história

em *a terra sonâmbula*, na página 104 e 111, mia couto:

- Essa guerra algum dia há-de acabar?

Acenei que sim. Mas meu coração se pequenou, constreitolho. Farida queria conhecer mais: saber o motivo da guerra, a razão daquele desfile de infinitos lutos. Lembrei as palavras de Surendra: tinha que haver guerra, tinha que haver morte. E tudo era para quê? Para autorizar o roubo. Porque hoje nenhuma riqueza podia nascer do trabalho. Só o saque dava acesso às propriedades. Era preciso haver morte para que as leis fossem esquecidas. Agora que a desordem era total, tudo estava autorizado. Os culpados seriam sempre os outros.

- Pode acabar no país, Kindzu. Mas para nós, dentro de nós essa guerra nunca mais vai terminar.

(...)

- Nem isto guerra nenhuma não é. Isto é alguma coisa que ainda não tem nome.

Se explicou: antes fosse uma guerra à sério. Se assim fosse teria feito crescer o exército. Mas uma guerra-fantasma faz crescer um exército-fantasma, salteado, desnorteado, temido por todos e mandado por ninguém. E nós próprios, indiscriminadas vítimas, nos íamos convertendo em fantasmas. No fundo da latrina não pode haver guerra limpa.¹

¹ I todas as citações coletadas neste trabalho estão recortadas de seu contexto original e recontextualizadas aqui. muitas vezes são falas de personagens ou de outras vozes recitadas. nada aqui pretende encerrar verdades, mas começar possibilidades de leitura. então você, que lê, tome a liberdade de retocar recortar retomar discordar refazer concordar reorganizar reescrever e, principalmente, procurar a fonte para beber

insonso

adj. do bras *insosso+sonso*

comida sem sal / pessoa sem gosto

restolho

s.m.

o resto do resto do resto / pedaços de comida que irão alimentar a terra

ex: *os restolho*

brigite

adj.

fétido, com mau odor / diz-se daquele que não toma banho / atriz famosa no século passado, sinônimo de beleza

ex: *hoje vou dormir brigite*

ladino

adj. do lat *latinus, latino*

astuto, espertalhão, finório, manhoso / vivo, gracioso / diz-se do índio ou do negro que aprendeu a falar a língua do opressor mais rápido que outros

ex: *i know how to speak in english* ou *eu sei como falar inglês*

xicungunha

s.f. do mosq *chikungunya*

doença viral transmitida pelo mosquito *aedes aegypti* / briga, confusão, treta / sentimento comum entre grupos humanos / aquilo de ruim que não é falado entre pessoas afetivamente ligadas

ex: *parô coa xicungunha*

(pequenas respostas
que eu imagino em
silêncio prá perguntas
que não me perguntaram)

quem sabe lá praz oropa
ainda haja tempo

corra

quem sabe lá eles se importam
quem sabe lá eles tem grana prá gente

ser rico deve ser bom porque dá prá ser brega sem parecer mesquinho

bis**coitinho** da sorte

da dica do dia é
if u wanna be rich
u got to be a bitch
ou também
prá rico sê
escroto tem quê
do dia fica a dica

pobre do rico que é pobre
rico do pobre que é rico



como se a gente já tivesse em algum lugar escrito os segundos que foram e que tem de vir e os lugares que passarão nossos pés nossos olhos nossas camas assim como só pudemos ter saído de um útero e o caminho até o fim fosse esse inevitavelmente: um, e todos os presidentes já tivessem sido escolhidos, e os sanduíches feitos na pressa ou não já tivessem escolhido seus recheios e mesmo assim, talvez deixando a louça prá lavar ou apostando certo nos números da sena talvez piscando os olhos dois segundos depois ou parando de ler esse texto bem aqui,

a morte anda de qualquer coisa
temos um só jeito de nascer e muitos de morrer

essa linha levemente se refaça ou bruscamente essa linha que vai conduzindo conduzindo até a morte, talvez nos faça perder um filho aos 37 ou alugar um apartamento numa pequena vila no japão uma pequena vila com algumas cerejeiras e mais alguns clichês ou michês num fim sozinho em um conjugado bem pequenininho, tudo por uma vírgula ou uma palavra que saltou no lugar certo, ou errado, do caminho, e nos fez parar uma madrugada prá escrever um texto sobre o curioso que é estar aqui, agora, vindo de onde se veio

me disse seu nézinho na beira do mar

a morte anda de qualquer coisa
temos um só jeito de nascer e muitos de morrer

me disse carolina maria de jesus no seu livro *quarto de despejo*

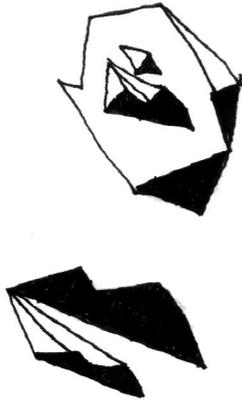
SE

ORIE

RAPA

A LAGOA

tudo
que obsessiona
nossa mente



tudo
que obsessiona
nossa mente

Segundo Ohno, o corpo era a instância de conexão entre o micro e o macrocosmo, e a dança, conseqüentemente, seria o movimento de fagocitose recíproca entre a alma e o universo. A sua concepção de dança fundamentava-se em um princípio “pancinético”, no qual a onipresença do movimento gerava a vida e por ela era gerado. No limite, o movimento dançado era a busca pela própria vida. Nesse sentido, partindo desses seus entendimentos, tornam-se mais legítimas tanto a sua relação com a improvisação na dança, como a sua incansável recusa pela transmissão de técnicas codificadas em seus métodos de ensino.

Na concepção de Kazuo Ohno, a dança era algo intimamente conectado à vida e à morte desde suas origens. A seu ver, a morte dos milhões de espermatozoides que não chegam a fertilizar o óvulo é o que permite o surgimento da vida. E a memória desse fato, bem como a conseqüente gratidão que deveríamos nutrir por ele, estão impregnados nas células mais profundas de nossos corpos, podendo emergir em cada gesto e em cada ação. Na poética de Ohno, portanto, se instaura a certeza da interdependência entre todos os seres, sejam eles vivos ou mortos. Essa multiplicidade de existências que subsidia a sua dança se apresenta como uma de suas matrizes poéticas mais importantes, pois seriam justamente esses mortos que, em suas palavras, preencheriam seu corpo de sabedoria e imaginação, de força criativa e fantasia.



se
a gente
vibrar
girassol



se
a gente
vibrar
sagrado



se
a gente
vibrar
copo d'água



se
a gente
vibrar
à distância

disse o xamã
que o ator
é a cobra & a maçã

o ator é um monge pegando fogo

digo mais
que o ator
é a banana & a boca

imundiçado

adj.

sujo, mal-cuidado / diz-se daquele que apresenta desvio de conduta moral

ex: *a cidade é um lugar muito imundiçado*¹

deus

s.m.

aquele que manda / o onipresente / macho alfa que inventou essa budegas / aquele que reprime

ex: *se deus vier que venha armado!*² ou *deus está morto e nos matando*³

s. f.

a natureza, ó⁴

s. sem gênero

aquilo que existe e a gente não vê / mágica matemática por trás de tudo / o ciclo da água / a morte

ex: *se um dia deus vier à terra haverá silêncio grande. o silêncio é tal que nem o pensamento pensa.*⁵

coração

s.m.

praça que ninguém anda⁶

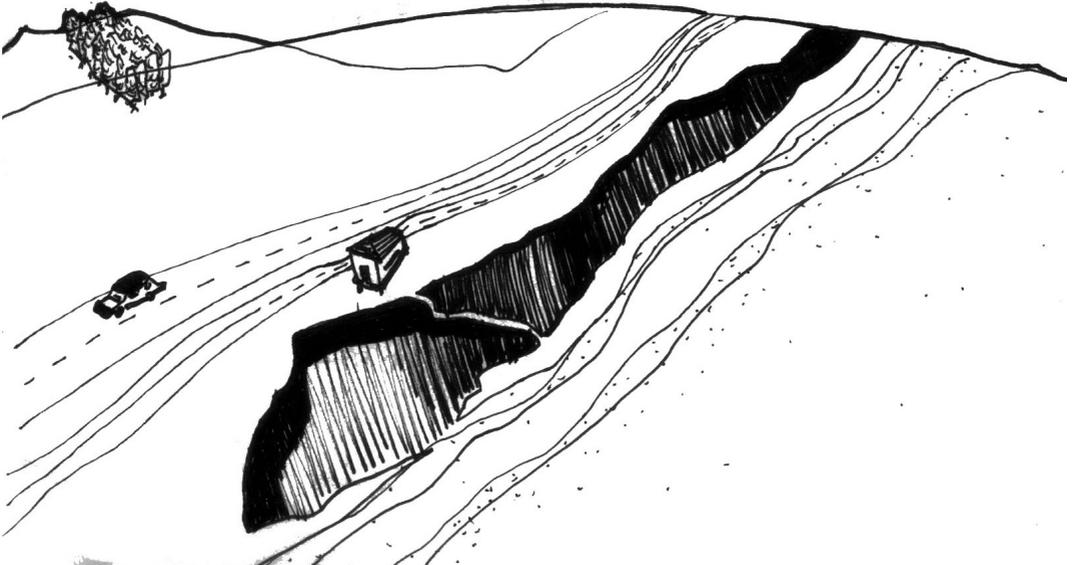
mælëk

s. sem gênero do bras *maluco+muleca+meleca*

pronúncia: *máalãq*

estado de graça / suor grudado depois de horas de estrada / diz-se daquele que parece sem rumo mas sabe seu norte

- 1 me disse seu nézinho de novo
- 2 me disse riobaldo em *grande sertão veredas* de guimarães rosa
- 3 me disse silvana rodrigues no facebook
- 4 me disse minha vó
- 5 me disse clarice lispector em *a hora da estrela*
- 6 me disse a senhorinha no ônibus



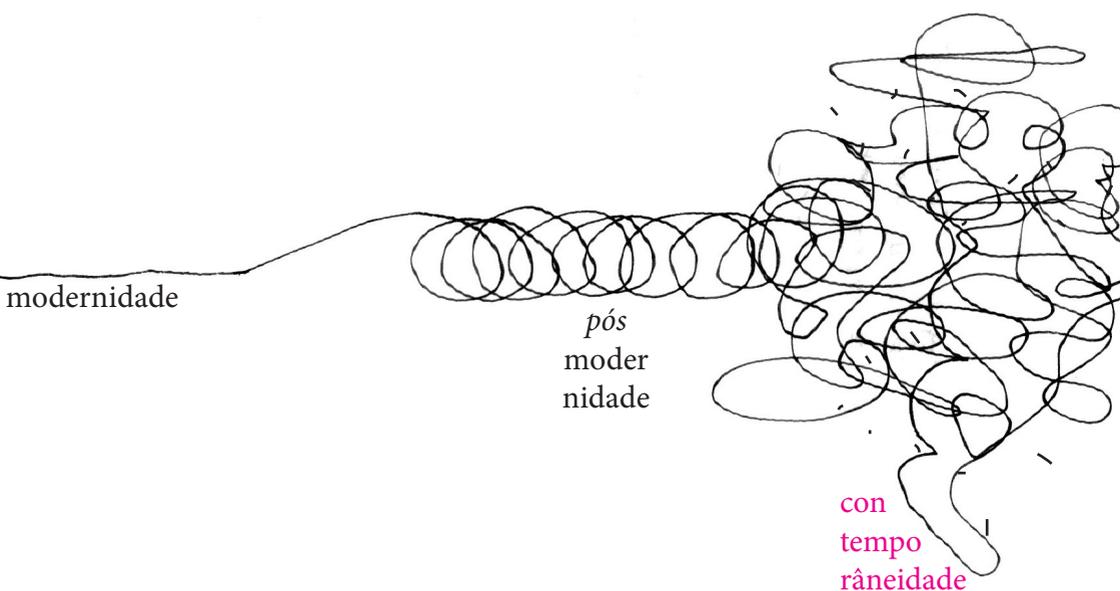
epígrafe de levi-strauss no livro *a queda do céu*, de bruce albert e davi kopenawa:

(...) Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comvente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã yanomami (...) não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça do ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. (...) É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende — e somos ainda muito poucos a compreendê-lo — nossa própria sobrevivência.

modernidade

pós
moder
nidade

con
tempo
rânidade



o xamã yanomami davi kopenawa no prefácio de *a queda do céu*:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemias que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

A PARABÓLICA

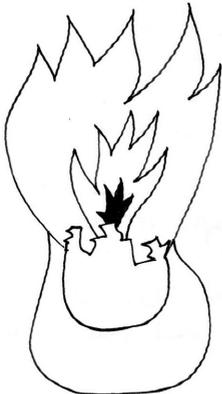
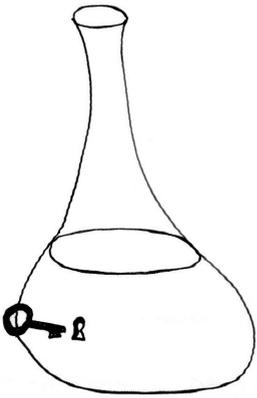


AGRO É POP

diz a propaganda na tevê









Paul Virilio Bunker Archaeology
← Back to item details

PDF/ePub



Search inside this book



WORKING

176

177

WORKING

178

179



em *a poética do espaço*, Gaston Bachelard, nas páginas 25 e 28:

(...) todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. Veremos, no decorrer de nossa obra, como a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. (...)

Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças tem refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios. (...) Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, **o espaço retém o tempo comprimido**. É essa a função do espaço.

SONHO IV

estou numa cozinha pequena, na cozinha de casa, do apartamento, num andar alto de um prédio alto. estou no sétimo andar. estou lavando louça e tem uma mulher também na cozinha. ela observa. olho para o prato. olho para a janela e ela não está mais lá. na verdade, não há mais parede nem janela. é como se o prédio tivesse sido atingido por um redemoinho ou um terremoto e tivesse se partido. metade dele caiu, metade da cozinha também. é noite e vejo raios e muito vento. consigo ver outros prédios, parecidos com esse. prédios de condomínios de prédios iguais com suas paredes cortadas como em corte. consigo ver dentro de todos os apartamentos que possuem luzes ligadas. sinto tudo tremer. aos poucos, as paredes vão caindo, sinto o chão se perder embaixo dos meus pés. o prédio começa a ruir e meu corpo vai se deixando, se deixando. sinto que começo a desintegrar junto com o prédio, tudo começa a virar pó, inclusive eu, começo a me misturar com os escombros que caem. assim que meu corpo e todo o prédio transformado em pó vai atingir o chão

SONHO V

estou numa cidade quadrangular, todos os prédios são altos e angulosos. é noite. a cidade está deserta e eu corro. corro. tem uma praça com formatos piramidais e um verde com cara de mentira. a cidade está deserta e eu corro. entro em um prédio e começo a subir as escadas em espiral. começo a ouvir vozes cantando que *hoje o samba saiu procurando você*. vou subindo as escadas e encontro baianãs, com vestidos grandes e redondos, subindo também. elas sobem em fila, sigo e encontro uma fenda, numa parte da parede que está destruída. a fenda é grande e nós começamos a sair pela fenda, *quem te viu, quem te vê*. a fenda dá para uma duna muito muito alta. saímos pela duna e vamos descendo até chegar em uma praia. azul.

SONHO VI

vejo dois homens caminhando por uma estrada. uma parte da estrada é de chão, vejo um carro de boi prá nunca mais. o boi parece parado. ela começa a se transformar numa estrada de paralelepípedos. passa uma carruagem e o cocheiro parece cansado. vejo uma estrada de asfalto, minha mãe caminha no acostamento, é noite. minha mãe parece cambalear. ela usa um capuz preto e segura uma garrafa na mão. passam caminhões e carros e a estrada vai aumentando aumentando. vejo um caminhão com patas arrancando uma árvore enorme. o sol começa a nascer na lagoa, vejo minha avó e meu avô, dourados. até que a estrada começa a ter muitas pistas e voltas e caminhos e carros e carros e mais e mais

eu agradeço

à minha vó, maria silva dos santos, que me ensinou mais do que qualquer escola.¹

ao meu avô, por me maravilhar com tudo que tinha ali e que eu ainda não entendo.

à minha mãe, meu pai e minha irmã, pelo carinho que temos escolhido.

ao júlio, meu companheiro, por me reensinar a amar, o sonho VI.

ao mesac, por ser um ótimo parceiro de caminhada.

à gi e à lívia, por continuarem guardando meus sonhos.

à sil ao pedro e ao agosto, por me lembrarem que eu ainda não sei.

à ana, à lete e ao rodi, por me aguentarem assim, tão dona vera.

ao nishi, ao fuão, à inês, à laura, à patrícia, à bia, à ana maria, à dinda, à pinta, à k, à bruna, ao binho e aos meus parentes por me mostrarem outras formas de olhar.

ao povo brasileiro, norte centro sul inteiro, que continuemos, porque não é fácil, nem nunca foi.



I como num sonho, me lembro: a gente caminhando na beira da estrada, eu perguntando prá ela se podia falar sobre nós, aqui. rindo, como sempre, ela: fala, duda. fala tudo.

espero ter deixado nossa imaginação delirar, coisa que ela sempre me ensinou